

Um bestiário arcaico



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Paula da Cunha Corrêa

UM BESTIÁRIO ARCAICO
FÁBULAS E IMAGENS DE ANIMAIS
NA POESIA DE ARQUÍLOCO

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

C817b Corrêa, Paula da Cunha.
Um besteiário arcaico: fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco /
Paula da Cunha Corrêa. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Arquíloco – Crítica e interpretação. 2. Poesia grega. 3. Fábulas gregas.
4. Filologia clássica. 5. Animais na literatura. I. Título.

CDD 881.01
883.01
480
808.83936

ISBN 978-85-268-0907-9

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquíloco – Crítica e interpretação	881.01
2. Poesia grega	881.01
3. Fábulas gregas	883.01
4. Filologia clássica	480
5. Animais na literatura	808.83936

Copyright © by Paula da Cunha Corrêa
Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Para Caio e André.

Agradeco

ao CNPq e à Fapesp, os auxílios que possibilitaram a realização desta pesquisa e a sua publicação;

a Stephanie e Martin West, Ewen Bowie e Christopher Gill, que facilitaram as minhas estadas em Oxford e Exeter;

aos membros da banca examinadora de livre-docência, Maria Sylvia C. Franco, Haiganuch Sarian, Jacyntho Lins Brandão, Joaquim Brasil Fontes e José Antônio A. Torrano, as correções e sugestões feitas;

a Giuliana Ragusa, José Marcos M. de Macedo e Andrea Rotstein, a amizade, o prolífero diálogo e os textos que me enviaram do exterior;

a Marcos Martinho dos Santos e Alexandre Pinheiro Hasegawa, as traduções realizadas a pedido, em verso e prosa, do latim para o português;

a Sílvia Anderson e Rafael Brunhara, o auxílio na revisão das provas,

aos colegas de grego, José Antônio A. Torrano, Mary Macedo de C. N. Lafer, Adriane da Silva Duarte, André Malta Campos, Christian Werner, Adriano Ribeiro Machado, Breno B. Sebastiani, Daniel R. N. Lopes, Giuliana Ragusa, Fernando Rodrigues Jr. e José Marcos M. de Macedo, a cooperação e o convívio cordial;

a Luciana Ferraz e Viviana Bosi, a *sympathía*;

a meus pais, a ajuda com os gêmeos;

a Caio e André, a alegria, a coragem e o amor incondicional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. Aînos: a fábula em Arquíloco	18
2. A saga de Licambes e suas filhas.....	38

I. AS FÁBULAS (AÎNOI) DE ARQUÍLOCO

1. A “FÁBULA DA ÁGUIA E DA RAPOSA”	47
a. <i>Pai Licambes</i> (172)	51
b. <i>O sal e a mesa</i> (173).....	56
c. <i>Uma fábula dos homens</i> (174).....	58
d. <i>Uma ceia?</i> (175).....	67
e. <i>No alto penhasco</i> (176).....	69
f. <i>A justiça dos animais</i> (177).....	75
g. <i>Águias negras e brancas</i> 178, 313.....	85
h. <i>A ceia lastimável</i> (179).....	93
i. <i>A faísca de fogo</i> (180).....	95
j. 181 (P. Oxy. 2316 Lobel) e 224	97
2. A “FÁBULA DO MACACO E DA RAPOSA” (185-187).....	119
a. <i>O enigma da mensagem</i> (185.1-2)	120
b. <i>O aînos</i> (185.3-6, 186-7, 225, 311): <i>o inimigo como um macaco</i>	127

c. <i>Reconstruções do ainos de Arquíloco via Esopo e Bábrio</i>	142
d. <i>Conclusão</i>	156

II. IMAGENS DE ANIMAIS EM ARQUÍLOCO

1. A RAPOSA E O PORCO-ESPINHO (201)	163
a. <i>A arte do porco-espinho</i>	163
b. <i>Conclusão</i>	173
2. CIGARRAS.....	179
a. <i>O canto da cigarra (223)</i>	179
i. Fontes (Luciano, Leo filósofo e Constantino de Rodas) e edições.....	179
b. <i>Calondas, o Corvo, e o túmulo da Cigarra</i>	200
3. GOLFINHOS.....	211
a. <i>Cerano e o golfinho (192)</i>	211
i. As fontes da tradição manuscrita: Plutarco, Filarco (em Ateneu), Eliano e a paródia em Aristóteles	211
ii. A fonte epigráfica: <i>O Monumento de Sóstenes</i>	213
iii. Leituras	216
b. <i>O mundo às avessas (122)</i>	236
i. Fontes (Estobeu, Aristóteles, Plutarco e o <i>Papiro de Oxirrincos</i> 2313 fr.1a).....	239
ii. Leituras.....	241
4. ASNOS.....	255
a. <i>O lombo do asno (21)</i>	255
b. <i>O pênis do asno (43)</i>	261
c. <i>O asno de Arcas ou de um arcádio (112)</i>	273
i. Divino e maravilhoso	278
ii. Apetites e indolência.....	282
iii. O rouxinol da Arcádia	291
d. <i>Conclusão</i>	296

5. BOVINOS	299
<i>a. As Musas compram uma vaca? (35)</i>	299
i. Fontes e edições	299
ii. Leituras	301
<i>b. Robustos? Touros (256)</i>	320
<i>c. Aqueloo, Nesso e Hércules em Arquíloco (276, 286-289)</i>	322
6. AVES	331
<i>a. A gralha e o martim-pescador (41)</i>	331
i. Fontes	331
ii. Edições e comentários	334
<i>b. Filhote de rouxinol (263)</i>	339
<i>c. Gralhas e Pasífila (331)</i>	340
7. ENGUIAS CEGAS (189)	345
8. A CADELA E A CORÇA	355
<i>a. A descoberta do papiro e as primeiras impressões dos críticos</i>	355
<i>b. Arquíloco (196a, Pap. Colon. 58.1-35): texto e suplementos</i>	361
i. A sugestão da moça (196a vv. 1-8)	370
ii. Em resposta, uma contraproposta (vv. 9-24)	376
iii. Neobula e a cadela apressada (vv. 24-41)	387
iv. Da palavra à ação: a captura da corça (vv. 42-53)	402
v. O epodo, a lenda das Licâmbides e o veredicto dos críticos	411
vi. A mulher em Arquíloco: corça e cadela	415

III. EXCURSUS: DUAS IMAGENS VEGETAIS

1. ESTAÇÕES DA MULHER NO <i>SEGUNDO EPODO DE COLÔNIA</i> (188)	421
<i>a. Edições: P. Colon. inv. 7511, 58.36-40, M.-W.</i>	421
<i>b. Leituras</i>	424
2. CERTA PAISAGEM (190)	443

IV. ANIMAIS EM ARQUÍLOCO

1. ANIMAIS EM ARQUÍLOCO.....	449
<i>a. Animais na cerâmica orientalizante</i>	452
<i>b. Os homens e os outros animais</i>	459
BIBLIOGRAFIA CITADA	463
ANEXO: TRADUÇÕES DO <i>CORPUS</i> DE FRAGMENTOS DE ARQUÍLOCO COMENTADOS.....	495
ÍNDICE DE NOMES	509
ÍNDICE DE ANIMAIS E SERES FANTÁSTICOS	525

Excertos e redações anteriores de alguns capítulos foram publicados como “A escrita na fábula de Arquíloco”, *Revista da Anpoll* 1998, 4, pp. 249-62; “O inimigo do poeta como um macaco”, *Organon* (UFRGS), 2001, 13, pp. 117-36; “The Fox and the Hedgehog”, *Revista Phaos*, 2001, 1, pp. 81-92; “Arcadian Nightingales”, *Ordia Prima: Revista de Estudios Clásicos*, 2002, 1, pp. 121-6; “Muddy Eels”, *Synthesis* (La Plata), 2002, vol. 9, pp. 81-90; “O riso na poesia mélica, elegíaca e jâmbica grega do período arcaico ao clássico”, *Letras Clássicas* (USP), 2007, pp. 99-126; e “A Human Fable and the Justice of Beasts in Archilochus”, *Hesperos. Studies in Ancient Greek Poetry presented to M. L. West on his Seventieth Birthday*. Oxford, 2007, pp. 101-17.

Edições

As edições adotadas para os textos dos poetas jâmbicos, elegíacos e mélicos são as de:

Martin L. West (1971, 1989), *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati I, II*; Denys L. Page (1962), *Poetae Melici Graeci*; Malcolm Davies (1991), *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta*, vol. I; e Eva Voigt (1971), *Sappho et Alcaeus: fragmenta*.

Abreviações

Os nomes dos autores antigos e de suas obras, quando abreviadas, seguem o padrão do *Greek-English Lexicon* de Liddell-Scott Jones.

A abreviação dos periódicos segue o padrão do *Année Philologique*.

Outras abreviações:

- Archiloque* POUILLOUX, J. et al. *Archiloque: Sept exposés et discussions*. “Entretiens sur l’Antiquité Classique X” (Vandœvres, Genebra, 26/8-3/9/1963). Genebra, Fondation Hardt, 1964.
- CEG HANSEN, P. A. *Carmina Epigraphica Graeca*, I, *Saeculorum VIII-V a. Chr. n.*; II, *Saeculi IV a. Chr. n.* Berlim, Nova York, de Gruyter, 2 vols., 1983-1989.
- Ch. CHAMBRY, E. *Aesopi Fabulae*. Ed. e trad. Paris, Belles Lettres, 1927.
- CPG Von LEUTSCH, E. L. e SCHNEIDEWIN, F. G. *Corpus Paroemiographorum Graecorum*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1839-1851.
- D.-B. DEGANI, E. e BURZACCHINI, G. *Lirici Greci*. Florença, La Nuova Italia, 1977.
- Davies DAVIES, M. *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta*, vol. I. Oxford, Oxford University Press, 1991.
- D.-K. DIELS, H. e KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlim, Weidmann, 1951-1952.
- Fable* ADRADOS, F. R. e REVERDIN, O. *La Fable: Huit exposés suivis de discussions*. “Entretiens sur l’Antiquité Classique XXX” (Vandœvres, Genebra, 22-27/8/1983), Genebra, Fondation Hardt, 1984.
- FGrH JACOBY, F. *Fragmente der griechischen Historiker*. Berlim, Leiden, Brill, 1923-1958.
- FHG MÜLLER, C. *Fragmenta Historicorum Graecorum*. Paris, Didot, 1841-1870.
- IG *Inscriptiones Graecae*. Berlim, 1873-

- K.-A. KASSEL, R. e AUSTIN, C. *Poetae Comici Graeci*. Berlim, Nova York, de Gruyter, 1989.
- L.-B. LASSERRE, F. e BONNARD, A. *Archiloque: Fragments*. Paris, Belles Lettres, 1958.
- L.-P. LOBEL, E. e PAGE, D. L. *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*. Oxford, Oxford University Press, 1963.
- M.-W. MERKELBACH, R. e WEST, M. L. “Ein Archilochus-Papyrus”, *ZPE* 14, 1974, pp. 97-113.
- Pf PFEIFFER, R. *Callimachus*. Oxford, Oxford University Press, 1949.
- P. PERRY, B. E. *Aesopica* I, II. (Ed.) Urbana Illinois, University of Illinois Press, 1952.
- PMG PAGE, D. L. *Poetae Melici Graeci. Alcmanis, Stesichori, Ibyci, Anacreontis, Simonidis, Corinnae, poetarum minorum reliquias, carmina popvlaria et convivalia quae adespota feruntur*. Oxford, Oxford University Press, 1962.
- RE *Paulys Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Ed. A. Pauly, G. Wissowa, W. Kroll. Stuttgart, J. B. Metzler, 1894-1972.
- SH H. LLOYD-JONES e PARSONS, P. *Supplementum Hellenisticum*. Berlim, de Gruyter, 1983.
- SLG PAGE, D. L. *Supplementum lyricis Graecis. Poetarum lyricorum Graecorum fragmenta quae recens innotuerunt*. Oxford, Oxford University Press, 1974.
- V. VOIGT, E.-M. *Sappho et Alcaeus: fragmenta*. Amsterdã, Athenaeum, Polak & Van Genep, 1971.

As traduções do *corpus* de fragmentos de Arquíloco encontram-se em itálico.

INTRODUÇÃO

*Les animaux ont une rudesse prime-sautière, une vivacité d'allure, qui fournit au poète des motifs pittoresques, obscènes ou gracieux*¹.

Este estudo sobre os fragmentos de Arquíloco de Paros que contêm fábulas e imagens de animais resulta de pesquisas realizadas ao longo de quase dez anos, as quais foram apresentadas em 2008 como tese de livre-docência (FFLCH–USP) e são agora publicadas com modificações, atualizações bibliográficas e o acréscimo de dois capítulos. Assim como no livro anterior sobre os poemas marciais de Arquíloco², trata-se de uma abordagem filológica, *lato senso*, conforme a qual não apenas os próprios poemas são examinados, mas também as fontes e os processos de transmissão desses textos, com aportes de outras áreas dos estudos clássicos.

O recorte temático contempla a grande quantidade de animais nos versos de Arquíloco que nos chegaram, presentes em fábulas (*aînoi*) e imagens. Muitos poetas gregos revelam uma predileção por imagens de animais, a começar por Homero, com suas inúmeras metáforas, comparações e símiles provenientes do mundo animal. Outros exemplos evidentes são Simônides, com o seu jambo 7 sobre as “espécies de mulheres”, Aristófanes e Ésquilo, cujos dramas contêm uma profusão de imagens e alusões a fábulas animais. Embora animais figurem nas obras de quase todos os poetas gregos antigos, a sua importância

1 Hauvette (1905, pp. 272-3).

2 *Armas e varões — A guerra na lírica de Arquíloco* (2009a).

na literatura arcaica encontra paralelos em outras artes do mesmo período, como na cerâmica orientalizante³.

Com o intuito de apreender o sentido dos animais no contexto dos poemas de Arquíloco, para cada espécie mencionada nos versos foi realizado um levantamento de seu respectivo *êthos*, que por vezes sofre significativas alterações no decorrer do tempo. Assim, esses breves esboços dos *êthē* dos animais que, em alguns casos, se estendem da Babilônia à Idade Média, além de contribuir para a compreensão dos poemas, podem adquirir um interesse em si, constituindo um sucinto e seletivo bestiário arcaico.

1. Aínos: a fábula em Arquíloco

Conforme Aristóteles (*Rh.* 2.20, 1393a23-1394a18), das provas (*písteis*) comuns às três espécies de discursos, há os exemplos (*paradeigmata*) e entimemas (*enthymémata*). Os exemplos são divididos entre os que “relatam coisas que aconteceram” e aqueles nos quais essas são inventadas; esse último tipo de exemplo subdivide-se entre comparações (*parabolai*) e fábulas (*lógoi*), “tais como as de Esopo e as líbias”⁴. Após ilustrar as comparações, Aristóteles cita como exemplos de fábulas uma atribuída a Estesícoro e a de Esopo sobre o demagogo.

As duas fábulas citadas por Aristóteles teriam sido proferidas em público com claros objetivos políticos. Se examinarmos os fragmentos de jambo, elegia e poesia mélica arcaica, tendo em vista também outras teorias antigas acerca da fábula, como se aplica a definição aristotélica? Quão representativas são as ilustrações oferecidas por Aristóteles das funções e ocasiões de *performance* da fábula?

Após Hesíodo, os versos de Arquíloco contêm as mais antigas fábulas da literatura grega que nos foram legadas pela tradição. Dois fragmentos de Ar-

3 Cf. Parte IV a seguir, “Animais em Arquíloco”, pp. 447-59.

4 Aristóteles *Rh.* II.20.1393b22-1394a1: οἶον οἱ Αἰσώπειοι καὶ Λιβυκοί...

quíloco (174, 185) são citados por Pseudo-Amônio, o editor bizantino do tratado *Sobre vocábulos semelhantes e diversos*⁵, como exemplos do *aínos* que se define como um discurso mítico, “contado por animais ou plantas para os homens”⁶. Esse texto de Pseudo-Amônio e as demais fontes que dele dependem⁷ têm o *aínos* como sinônimo de “provérbio”, “máxima”. Mas depois da citação de um *aínos* em Hesíodo (*Op.* 202-3) e de outro em Calímaco (194.6-8 Pf), como exemplos, respectivamente, de fábulas cujos protagonistas pertencem aos mundos animal e vegetal, o autor especifica que o *aínos* é um “provérbio desenvolvido que, por meio da narrativa, completa o pensamento para exortar e auxiliar os homens”⁸. Portanto, conforme essa definição, o *aínos* é uma narrativa com função parenética. Nessa mesma linha, quando Aélio Teão, seguindo Aristóteles, diz que a fábula é “um *lógos* fictício, porém verossímil”⁹, ele também nota que os poetas antigos chamavam “fábula” de *aínos* por ela conter uma admoestação (*paráinēsis*)¹⁰.

Arquíloco refere-se às suas fábulas nos fragmentos 174 e 185 como *aínoi*, e há testemunhos de um “*aínos* cário” em Timocreonte 734 *PMG* e Simônides 514 *PMG*. Mas o que a fonte de Timocreonte 730.1 *PMG* chama de “*aínos* cíprio”, o próprio poeta chama de *lógos*¹¹. Parece que “*aínos*”, talvez um termo mais antigo e poético, não caiu em desuso quando “*lógos*” começou a ser empregado no quinto século a.C. para designar fábula, provavelmente devido à circulação de fábulas em prosa atribuídas a Esopo. Aristófanes, por exemplo,

5 Cf. Parte II, Capítulo 1c a seguir. Esse dicionário de sinônimos, que serviu de fonte para muitos lexicógrafos e comentadores da Antiguidade tardia, é obra de Herênio, gramático e historiador grego de Biblos (séculos I-II d.C.).

6 Pseudo-Amônio Περὶ ὁμοίων καὶ διαφορῶν λεξέων (*De adfin. vocab. diff.* 18, p. 5, Nickau): ὁ μὲν γὰρ αἰνός ἐστι λόγος κατ’ ἀναπόλησιν μυθικὴν ἀπὸ ἀλόγων ζῶων ἢ φυτῶν πρὸς ἀνθρώπους εἰρημένος.

7 A fonte de Pseudo-Amônio é o primeiro livro de provérbios de Lúcio de Tarra (poeta, gramático e retor do século I d.C.). Muito semelhantes são os textos presentes nas outras fontes do fragmento 185 de Arquíloco, cf. Epimer. in Hom. *An Par.* iii.371.14 Cramer, Apostol. praef., Paroem. Gr. ii.236.6, Eust.in Hom. p.1768.65 ex Eren. Phil., *Et. Gud.* i.48.18 de Stephani.

8 καὶ ἔστιν αἰνός ἐξηπλωμένη παροιμία μετὰ διηγήσεως ἀπαρτίζουσα τὸ νοούμενον πρὸς παραμυθίαν τε καὶ ὠφέλειαν ἀνθρώπων.

9 Aélio Teão, *Progymn.* 3: λόγος ψευδῆς εἰκονίζων ἀλήθειαν.

10 Aélio Teão, *Progymn.* 3: αἰνός δὲ ὅτι καὶ παραίνεσίν τινα περιέχει.

11 Timocreonte 730.1 *PMG*: λό[γ]ον δὲ σοι λ[ε]γ[ε]ῖ?

faz uso indiscriminado dos dois termos: refere-se ora aos *lógoi* (*Pax* 129), ora aos *aínoi* (*Av.* 651-3) de Esopo.

Algumas fontes antigas informam-nos que Arquíloco criticava Licambes e as suas filhas por meio de fábulas. Filóstrato (*Im.* I.3), por exemplo, diz que:

Φοιτῶσιν οἱ μῦθοι παρὰ τὸν Αἴσωπον ἀγαπῶντες αὐτὸν, ὅτι αὐτῶν ἐπιμελεῖται. ἐμέλησε μὲν γὰρ καὶ Ὀμήρῳ μύθου καὶ Ἡσιόδῳ, ἔτι δὲ καὶ Ἀρχιλόχῳ πρὸς Λυκάμβην, ἀλλ' Αἰσώπῳ πάντα τὰ τῶν ἀνθρώπων ἐκμεμύθωται, καὶ λόγου τοῖς θηρίοις μεταδεδῶκε λόγου ἕνεκεν.

As fábulas (*mýthoi*) vivem procurando Esopo e o amam porque ele zela por elas. Pois, embora Homero também cuidasse delas, e Hesíodo, e ainda Arquíloco [nos versos] contra Licambes, Esopo tratou de todas as coisas humanas e deu *fala* (*lógos*) aos animais, tendo em vista a *razão* (*lógos*).

Filóstrato joga com o duplo sentido de *lógos*: para que os animais fossem racionais (dotados de *lógos*), era necessário conceder-lhes o discurso (*lógos*), e ele inclui as fábulas esópicas na abrangente categoria dos “mitos”. Segundo um escólio à *Iliada* (Σ T Hom. *Il.* 19.407), o fato de os cavalos de Aquiles falarem não é estranho (*átupon*), “já que são de natureza divina”, e o escoliasta acrescenta que “Homero foi o primeiro a fazer isso”, isto é, a fazer com que os animais falassem, “depois Hesíodo deu fala ao rouxinol, Arquíloco à águia e, por fim, Esopo fez pleno uso desse recurso”¹². Os três últimos citados, Hesíodo, Arquíloco e Esopo, são autores de *aínoi* ou de fábulas. Quanto às fábulas “homéricas”, talvez o escoliasta, assim como Filóstrato, tivesse o *Margites* em mente¹³.

Segundo Filóstrato (*Im.* I.3), a fábula esópica tem por função atacar a arrogância ou ganância (*pleoneksía*) e repudiar a desmesura (*hýbris*) e o engano (*apáte*). Para tanto, Esopo recorre a animais a fim de que, “por meio deles, as

12 Escólio à *Iliada* Σ T Hom. *Il.* 19.407: εἰ θείας μετέχουσι φύσεως, τί ἄτοπον καὶ φωνεῖν; πρῶτος δὲ Ὀμηρος τοῦτο ἐποίησεν, Ἡσίοδος ἐπὶ τοῦ ἰέρακος, Ἀρχιλόχος ἐπὶ τοῦ ἀετοῦ καὶ Αἴσωπος ὕστερον κατεχρήσατο.

13 Cf. Arquíloco 201.